O discurso da morte: análise discursiva dos pronunciamentos presidenciais de Jair Bolsonaro sobre o novo coronavírus

Leonardo Ribeiro Duarte (PIBIC/CNPq/FA/UEPG), Muriel Emídio Pessoa do Amaral (Orientador), e-mail: leuduarte55@gmail.com e-mail do orientador murielamaral@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)/Departamento de Jornalismo

Ciências Sociais Aplicadas/Comunicação Social/Jornalismo

Palavras-Chave: *Discurso, Política, Poder, Covid-19, Jair Bolsonaro*

Resumo

A proposta da pesquisa pretende analisar os discursos do presidente Jair Bolsonaro proferidos em cadeia nacional de rádio e TV sobre a pandemia da covid-19 no ano de 2020, tendo como recorte o primeiro pronunciamento. Como metodologia, o estudo se apropria do entendimento de Michel Foucault sobre discurso, o reconhecendo como uma manifestação de poder e ideologia. Ao passo desta medida, será reconhecido como o pronunciamento em tela se apresenta fora do esquadro político idealizado por Hannah Arendt, que apresenta que ação política é o desenvolvimento de proposta para o espaço público.

Introdução

Em março e abril de 2020, Jair Bolsonaro se pronunciou em cinco momentos sobre a covid-19. Para esta pesquisa, será analisado apenas o pronunciamento do dia 24 de março, quando já decretada a pandemia do novo coronavírus. A escolha desse pronunciamento se dá porque nele foi proferida pelo presidente que a nova doença não passaria de uma gripezinha e de desdém da gravidade do acontecimento.

O discurso será analisado de acordo com o entendimento de Michel Foucault sobre discurso. O autor não apresenta uma metodologia de análise de discurso, mas processos de verificação que apontam que o discurso é uma tecnologia ideológica e de poder para o desenvolvimento de corpos e subjetividades alinhadas às práticas de controle e disciplina.

Dentro de um cenário de exceção instalado pela pandemia, o discurso dele pode ser compreendido como sendo fora da ação política desenvolvida por Hannah Arendt. Ou seja, não promove o engrandecimento e o debate público justamente porque não promove o diálogo e a reflexão acerca da *res publica*.

Material e Métodos

Como metodologia, a pesquisa apresenta o entendimento de Michel Foucault sobre discurso e o entendimento de Hannah Arendt sobre política. Como tecnologia de poder, o discurso não se apresenta neutro, mas como um dispositivo de atuação de controle e disciplina de corpos e subjetividades. Para além disso, a ação política pensada por Arendt desenvolve o espaço público e o diálogo.

Resultados e Discussão

Os pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro foram demonstrações de movimentos antipolíticos, uma vez que não alcançaram o debate público e as reflexões de melhores saídas para o enfrentamento do problema. A limitação do discurso às questões de cunho privado ou metabólicos, como aponta Hannah Arendt, não evoluem enquanto ação política porque se restringem às questões privadas e às percepções narcísicas.

De acordo com Michel Foucault, o discurso não se limita apenas ao encadeamento de palavras para a promoção de sentido. Para que seja reconhecido seu valor, é importante reconhecer o sujeito que o profere e a partir de qual condição, além de reconhecer também pontos contextuais históricos, inclusive do sujeito que o emite.

Os discursos antipolíticos de Jair Bolsonaro não se limitaram apenas durante a pandemia, mas seus discursos não elaboram a ação política porque serem desenvolvidos a partir das paixões e da ausência de reflexão política.

Conclusão ou Conclusões

O pronunciamento em tela não se enquadra como uma ação política por que não avança à esfera pública, limitando-se às questões privadas e a assuntos particulares. O debate acerca de uma pandemia não poderia se limitar a pontos pessoais ou narcísicos, tampouco se desenhar enquanto desdém da potencialidade de enfermidade e letalidade da doença.

Portanto, o discurso se limita às referências privadas e a passagens irrelevantes ao debate público.

Agradecimentos

Em homenagem às vidas perdidas pela covid-19.

ARENDT, H. O que é política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
ARENDT, H. A condição humana Rio de Janeiro: Forense, Universitária, 2016.
ARENDT, H.Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
FISCHER, R.M.B. Trabalhar com Foucault arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
FOUCAULT, M. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
MAKLOUF, L.C. O cadete e o capitão: a vida de Jair Bolsonaro no quartel. São Paulo: Todavia, 2019.
MATHEUS, L.C. Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.